

CONDIÇÃO DO TRABALHO FEMININO EM SANTA CATARINA POR ESCOLARIDADE E INTENSIDADE TECNOLÓGICA

Flavio Kaue Fiuza-Moura¹

Solange de Cassia Inforzato de Souza²

Katy Maia³

Resumo: O objetivo deste artigo é compreender a condição do trabalho feminino na indústria de transformação catarinense segundo escolaridade e níveis de intensidade tecnológica no ano de 2012, a partir dos dados da RAIS-Relação Anual de Informações Sociais do MTE. Os resultados permitem visualizar: i) expressivo ganho salarial para os trabalhadores mais escolarizados com diferença de renda entre os níveis tecnológicos, tanto para homens quanto para mulheres; ii) maior participação relativa do trabalhador do gênero feminino para o segmento de baixa tecnologia; iii) maior remuneração em indústrias mais avançadas tecnologicamente, em que a participação feminina é menor; e, iv) pequena diferença percentual nos ganhos dos trabalhadores com curso superior completo entre os segmentos.

Palavras-chave: Indústria. Diferenças salariais. Absorção feminina.

FEMALE LABOUR CONDITION IN SANTA CATARINA BY EDUCATION AND TECHNOLOGICAL INTENSITY

Abstract: The goal of this article is to understand the condition of female's labour market in the manufacturing industry at Santa Catarina by education and technological intensity levels in 2012, based on data from RAIS- MTE (*Relação anual de Informações Sociais*). The results showed: i) significant wage gain for more educated workers with an income gap between the technological levels for both men and women; ii) higher participation of female workers to the low-tech segment; iii) higher remuneration in more technologically advanced industries, where female participation is lower; and, iv) small percentage difference in employees' earnings with a college degree between segments.

Keywords: Industry. Wage gap. Female absorption.

¹ Doutorando em Economia do Desenvolvimento pela Universidade de São Paulo – FEA/USP. E-mail: flaviokfiuza@gmail.com

² Doutora em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora do Programa de Mestrado em Economia Regional da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: solangecassia@uol.com.br

³ Doutora em Economia pela Universidade de Brasília – UNB. Professora do Programa de Mestrado em Economia Regional da Universidade Estadual de Londrina – UEL. E-mail: katymaia@terra.com.br

1 Introdução

O mercado de trabalho brasileiro tem sido foco de intenso debate, seja por sua recuperação na primeira década do século XXI ou pela constatação de que sua reestruturação é ponto vital para a redução das desigualdades sociais. O Paraná é um dos estados que possui uma das maiores rendas *per capita* do país, taxa de desemprego abaixo e rendimento do trabalho acima da média nacional, a despeito das divergências econômicas de gênero, especialmente de absorção ocupacional e de rendimentos.

Teoricamente, o investimento em capital humano é utilizado para justificar diferenças salariais persistentes no mercado de trabalho (MINCER, 1958), assim como a sinalização e a credencial proporcionados pela escolaridade. A teoria da segmentação do mercado de trabalho afirma que os salários são determinados por fatores como gênero, raça, setor em que a firma se encontra, demografia, grau de sindicalização, segmentação dos postos de trabalho e intensidade tecnológica (SOLIMANO,

1988; LIMA, 1980; ARBACHE e DE NEGRI, 2002).

O objetivo deste artigo é analisar a condição de trabalho feminino na indústria de transformação segundo níveis de intensidade tecnológicos, no estado de Santa Catarina no ano de 2012, com dados da RAIS 2012. Parte da ideia de que os trabalhadores nos segmentos de maior intensidade tecnológica na indústria de transformação sejam mais bem remunerados e que a diferença de rendimentos desfavorável para o gênero feminino é maior quanto maiores forem as intensidades tecnológicas na indústria paranaense.

Este artigo está dividido em quatro seções, incluindo esta introdução. A segunda seção revisa a literatura teórica e empírica e aborda as considerações metodológicas, a terceira seção apresenta os resultados obtidos e sua interpretação. A última parte traz as conclusões do trabalho.

2 Material e Métodos

2.1 Diferenças de rendimento: abordagens teórica e empírica

A teoria do capital humano desenvolveu-se a partir dos anos 1950-60, cuja variável explicativa para as diferenças de rendimento é a escolaridade; o trabalhador, de forma racional, realiza investimentos em sua capacidade produtiva, através da escolarização e treinamento, a fim de auferir maiores níveis de renda no futuro.

Nos estudos empíricos para o Brasil, Moura(2008) encontra vieses positivos para a escolaridade no Brasil nos anos de 1992 até 2004, por meio da estimação de uma equação minceriana, com dados da PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios). Tais efeitos também são encontrados por Barros, Corseuil e Mendonça (1999) ao utilizarem análise estatística descritiva dos dados da Pesquisa de Padrão de Vida (PPV-IBGE) de 1997. Resende e Wyllie (2006) encontram os mesmos resultados através de uma análise da estrutura do mercado de trabalho, também lançando mão dos dados da PPV.

Ramos (2007) revela a escolaridade como o fator mais influente em relação à desigualdade de

rendimentos do trabalho, entendendo que os anos de estudo sejam determinantes do nível salarial dos trabalhadores. Hoffman e Simão (2005) calculam que a escolaridade tem efeito positivo sobre os rendimentos e que tal efeito passa a ser limiarmente acentuado a partir do décimo ano de estudo, indicando um salto salarial na transição do ensino médio para o superior.

Porém, casos são observados de grupos com mesmo grau de instrução cujo salário se mostra heterogêneo, o que indica a existência de outros fatores capazes de influenciar na determinação do rendimento, como a discriminação racial e por gênero, além dos fatores que tornam segmentados os mercados de trabalhos entre setores distintos (BECKER, 1971).

A partir dos anos 70 as críticas à teoria do capital humano se proliferam trazendo luz a uma teoria mais do que concorrente, mas complementar, que pode ser chamada de teoria do mercado de trabalho dual ou segmentado (LIMA, 1980). Tal vertente afirma que o mercado se segmenta de acordo com diferentes postos de trabalho (operacional, supervisão,

administrativo) com diferentes níveis salariais e, para ocupar tais postos, os trabalhadores são selecionados segundo características específicas, sejam elas econômicas, sociais, estéticas ou outras.

A teoria da segmentação no mercado de trabalho reconhece que há dois mercados. Um deles, chamado de primário, apresenta empregos estáveis, alta produtividade, altos salários (se comparado com o outro segmento do mercado de trabalho), oferta de capacitação da mão de obra por parte do empregador, alto custo de rotatividade, organização sindical e, principalmente, elevado progresso tecnológico. Já o mercado denominado secundário apresenta alta rotatividade, salários relativamente mais baixos, pouco (ou nulo) treinamento, ínfima ou nenhuma organização sindical e uma nevrálgica baixa intensidade tecnológica (LIMA, 1980).

Barros, Franco e Mendonça (2007) mostram a existência de segmentação entre setores de atividade da economia brasileira, bem como indicam que a redução de tais barreiras entre 2001 e 2005 contribuiu para explicar 10% e 18% das reduções na

desigualdade de renda *per capita* e remuneração do trabalho, respectivamente.

Segundo Raiher (2011) uma das principais metas da sociedade é o crescimento da economia utilizando-se do aumento da produtividade para gerar um aumento da produção, auferido através do progresso tecnológico. Tal avanço leva à contínua substituição de equipamentos desgastados por aparelhagem nova e melhorada que apresente maior produtividade, e o processo demanda, por consequência, mão de obra mais produtiva e capacitada. Essa necessidade se torna ainda mais evidente no longo prazo, pois o próprio processo de criação de novas máquinas e equipamentos mais sofisticados só é possível através do processo criativo de mentes mais capacitadas, treinadas e escolarizadas.

Tais argumentos sugerem que, além de necessário para o processo de inovação, o trabalhador com maior estoque de capital humano, ou seja, mais escolarizado, será relativamente mais demandado e melhor remunerado pelas firmas de uma economia, porém tal fenômeno não deve ser observado

em todos os setores de forma igualitária. Há a possibilidade de que setores de alta tecnologia valorizem mais tais trabalhadores e que tendam a apresentar maior grau de discriminação com relação a outros fatores não produtivos, como gênero, por exemplo.

De acordo com os resultados obtidos em Arbache e De Negri (2002) foram encontrados maiores prêmios salariais em multinacionais – tipicamente situadas em segmentos de mais elevada tecnologia que, além de pagarem maiores salários, as firmas de maior intensidade tecnológica também apresentam uma média educacional da mão de obra mais elevada.

Bruschini (2007), com os dados da PNAD para os anos de 1990 a 2005, encontra segmentação para o sexo feminino quando considerados rendimento e escolaridade no mercado de trabalho. Além de receberem salários substancialmente menores que os dos homens, as mulheres se apresentaram divididas em dois grupos distintos: o primeiro com ensino médio e superior (grupo em que as mulheres superam os homens em número) é composto por mulheres em cargos formais, de

prestígio e remuneração mais elevada, enquanto que o segundo grupo (composto por mulheres menos escolarizadas) tem dificuldade em se inserir no mercado de trabalho formal, ocupa cargos precários e com remuneração ínfima.

Leone e Baltar (2006) realizaram um estudo comparativo entre homens e mulheres com ensino superior completo, observando diferenças não somente salariais (a favor do sexo masculino), mas também diferenças com relação aos tipos de cargos ocupados. Não obstante, as diferenças salariais em favor do gênero masculino foram encontradas em todos os postos de trabalho, mesmo naqueles tipicamente femininos.

Matos e Machado (2006) utilizam a decomposição de Oaxaca e mostram que apesar de as mulheres, brancas e negras, apresentarem maiores níveis de escolaridade que os homens brancos e negros, respectivamente, ainda existem diferenciais de salário entre os gêneros. Além de tal segmentação existe também, em parte motivada pela diferença nos níveis de

escolaridade, diferenciação por cor no mercado de trabalho nacional.

A próxima seção aborda a metodologia para classificação da indústria de transformação catarinense segundo os níveis tecnológicos, a base de dados utilizada e as variáveis analisadas neste estudo.

2.2 Análise da absorção e rendimento femininos na indústria catarinense de transformação por diferentes intensidades tecnológicas: metodologia

A base de dados usada foi a RAIS 2012 (Relação Anual de Informações Sociais) para Santa Catarina e Região Sul do Brasil. A RAIS é uma ferramenta de coleta de dados do MTE (Ministério de Trabalho e Emprego), cuja realização é feita através de registro administrativo, anualmente, de declaração obrigatória para todos os estabelecimentos. (MTE, 2013).

Nesta pesquisa, o setor industrial foi dividido em quatro segmentos, de acordo com sua intensidade tecnológica, nomeados de: alta intensidade tecnológica, média alta

intensidade tecnológica, média baixa intensidade tecnológica e baixa intensidade tecnológica, a partir de IBGE (2003) que utilizou a metodologia da OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para classificação de intensidade tecnológica de setores e separou a indústria de transformação nacional com base na CNAE 95.

Os dados obtidos foram o número e remuneração média, em salários mínimos de 2012, dos trabalhadores das quatro divisões tecnológicas e do total da indústria de transformação, por gênero, para Santa Catarina e Região Sul como um todo. Os trabalhadores foram separados de acordo com seu grau de escolaridade em: analfabeto, 5ª série do fundamental completo, fundamental completo, médio completo e superior completo. O grupo de trabalhadores composto pelos três primeiros níveis de escolaridade foi tratado como de baixa escolaridade e os trabalhadores pertencentes às duas faixas restantes (médio completo e superior completo) como mais escolarizados.

3 Resultados e Discussões

A Tabela 1 reúne informações que mostram uma mão de obra mais concentrada no segmento de baixa tecnologia (alimentar, têxtil e vestuário, mobiliário e madeira, entre outros), seguido pelos de média baixa, alta e média alta, nesta ordem⁴. A indústria de alta tecnologia absorve 15,1% dos 629.519 trabalhadores da indústria do Estado, ou seja, 94.930 trabalhadores, enquanto a de baixa intensidade tecnológica recruta 344.312 empregados. Se adicionar os trabalhadores da indústria de baixa intensidade tecnológica aos de média baixa tecnologia, perfazem 80% dos trabalhadores aproximadamente.

8

Tabela 1 - Participação de trabalhadores da indústria de transformação de acordo com o nível de intensidade tecnológica em Santa Catarina e Região Sul no ano de 2012 (em %)

Níveis tecnológicos	Masculino		Feminino		Total	
	N.	%	N.	%	N.	%
Alta Intensidade Tecnológica	73913	19,1	21017	8,7	94930	15,1
Média Alta Intensidade Tecnológica	17673	4,6	8311	3,4	25984	4,1
Média Baixa Intensidade Tecnológica	123907	32,0	40386	16,7	164293	26,1
Baixa Intensidade Tecnológica	171861	44,4	172451	71,2	344312	54,7
Total	387354	100,0	242165	100,0	629519	100,0
Região sul						
Alta Intensidade Tecnológica	264545	20,3	68572	9,5	333117	16,5
Média Alta Intensidade Tecnológica	110451	8,5	45263	6,3	155714	7,7
Média Baixa Intensidade Tecnológica	398036	30,6	183074	25,4	581110	28,8
Baixa Intensidade Tecnológica	527003	40,5	422538	58,7	949541	47,0
Total	1300035	100,0%	719447	100,0	2019482	100,0

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, dados obtidos da RAIS(2012).

A Tabela 2 compõe os trabalhadores da indústria separados por gênero e escolaridade, para cada segmento tecnológico. O segmento da indústria de alta tecnologia em Santa Catarina absorve 78,9% de trabalhadores masculinos e apenas 21,1% de trabalhadoras. Os menos escolarizados significam aproximadamente 80% da mão de obra; 27% das trabalhadoras mais escolarizadas estão nesse segmento. O gênero

⁴ O segmento de alta intensidade tecnológica inclui equipamentos de instrumentação médico-hospitalares, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, material eletrônico, veículos automotores, refino de petróleo; média alta são os de produtos farmacêuticos, produtos do fumo, produtos químicos, peças e acessórios para veículos, e outros; e média baixa tecnologia refere-se a produtos siderúrgicos, artigos de borracha e plástico, papel, embalagens e artefatos de papel, couros, artefatos de couros, artigos de viagem e calçados, entre outros.

feminino de maior escolaridade ocupa mais espaço na indústria de alta tecnologia, apesar de permanecer em desvantagem em relação ao número de ocupados masculinos.

Na indústria de transformação de baixa tecnologia, o perfil de absorção econômica por gênero é singular. Em 2012, a despeito da presença masculina (49,9%), 50,1% dos empregados era do gênero feminino, mostrando que esse é um segmento menos marcante de diferenciação de participação no mercado de trabalho. As atividades empregam as trabalhadoras em proporção mais homogênea com a masculina, e diferencia menos em relação à escolaridade.

Então, quando se observa a mudança na composição entre gêneros e entre os segmentos percebe-se que as indústrias de baixa tecnologia

diferenciam sexualmente menos na contratação, enquanto que as demais demonstram nítida preferência por trabalhadores do gênero masculino. Apesar disso, a diferença de participação das mais escolarizadas é menos pronunciada, revelando a menor importância da educação nesse segmento de baixa tecnologia. Tais fenômenos são observados tanto para o estado quanto para a região. Existe a possibilidade de segmentação por gênero segundo os postos de trabalho e a intensidade tecnológica dos setores, pois de acordo com Leone e Baltar (2006) para trabalhadores com o mesmo grau de instrução há segmentação por postos de trabalho ocupados quando comparados os gêneros.

Tabela 2 – Participação de homens e mulheres empregados na indústria de transformação catarinense e região sul, divididos por segmento de intensidade tecnológica e nível de escolaridade em 2012 (%)

Escolaridade	Alta			Média Alta			Média baixa			Baixa		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Santa Catarina												
Analfabeto	78,8	21,2	100	74,7	25,3	100	76,0	24,0	100	53,5	46,5	100
5ª Completo	85,3	14,7	100	71,7	28,3	100	76,2	23,8	100	52,9	47,1	100
Fundamental	82,3	17,7	100	71,8	28,2	100	77,0	23,0	100	50,1	49,9	100
Médio Completo	71,7	28,3	100	63,6	36,4	100	73,8	26,2	100	55,0	45,0	100
Superior Completo	72,9	27,1	100	60,6	39,4	100	65,7	34,3	100	49,9	50,1	100
Total	78,9	21,1	100	68,0	32,0	100	75,4	24,6	100	49,9	50,1	100
Região Sul												

Analfabeto	84,1	15,9	100	78,1	21,9	100	70,7	29,3	100	60,9	39,1	100
5ª Completo	86,2	13,8	100	75,1	24,9	100	64,1	35,9	100	58,6	41,4	100
Fundamental	83,6	16,4	100	72,2	27,8	100	68,8	31,2	100	56,0	44,0	100
Médio Completo	72,6	27,4	100	66,7	33,3	100	68,8	31,2	100	52,9	47,1	100
Superior Completo	73,4	26,6	100	63,3	36,7	100	63,1	36,9	100	51,7	48,3	100
Total	79,4	20,6	100	70,9	29,1	100	68,5	31,5	100	55,5	44,5	100

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, dados obtidos da RAIS(2012)

Quando comparadas as participações relativas e médias salariais dos trabalhadores, por gênero e escolaridade para a indústria de transformação total de Santa Catarina e Sul do país (Tabela 3), a participação dos trabalhadores mais escolarizados (ensino médio e superior completo) corresponde por mais de 50% do total, para ambos os gêneros e níveis geográficos e tal distribuição se mostra mais homogênea quando comparados os gêneros.

Quanto à análise dos rendimentos na indústria de transformação, a diferença de gênero é a

seguinte: trabalhadoras com ensino médio ganham, em média, 1,8 SM e os trabalhadores 2,8 SM; trabalhadoras com ensino superior recebem, em média, 4,5 SM, e os trabalhadores homens 8,2 SM. No geral, trabalhadores com ensino superior completo auferem uma média salarial 292% acima da média daqueles com médio completo em Santa Catarina e 296% para a Região Sul. Ao analisar as diferenças de rendimentos entre homens e mulheres há também nítida remuneração mais elevada para os homens, que ganham de 35% a 82% a mais que as mulheres ao longo dos níveis de escolaridade no Paraná e de 35% a 82% na Região Sul.

Tabela 3 – Participação relativa (%) e média salarial* (1) dos trabalhadores da indústria de transformação de Santa Catarina e região sul, divididos por gênero e nível de escolaridade para o ano de 2012

Escolaridade	Masculino		Feminino		Total	
	Part.	M. S.*	Part.	M. S.*	Part.	M. S.*
Santa Catarina						
Analfabeto	2,8	1,9	2,9	1,4	2,8	1,7
5ª Completo Fundamental	14,9	2,1	15,0	1,5	14,9	1,8
Fundamental Completo	29,8	2,2	30,2	1,6	29,9	2,0
Médio Completo	46,6	2,8	45,6	1,8	46,2	2,4
Superior Completo	6,0	8,2	6,3	4,5	6,1	6,7
Total	100	2,8	100	1,8	100	2,4
Região sul						
Analfabeto	3,4	1,9	3,2	1,4	3,3	1,7
5ª Completo Fundamental	16,7	2,1	17,5	1,4	17,0	1,8

Fundamental Completo	28,0	2,2	27,8	1,5	28,0	2,0
Médio Completo	45,9	3,0	44,8	1,8	45,5	2,6
Superior Completo	6,0	9,3	6,6	5,1	6,2	7,7
Total		3,0		1,9		2,6

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, dados obtidos da RAIS.

(1) Média salarial mensal ao longo do ano de 2012, em salários mínimos de 2012.

A teoria do capital humano afirma que os trabalhadores mais escolarizados apresentam maior produtividade enquanto que a teoria da sinalização afirma que os empregadores usam o diploma como um sinal para a contratação de trabalhadores adequados, seja por apresentarem o comportamento adequado seja por terem treinamento específico na execução de determinada tarefa, justificando que existe maior remuneração para os trabalhadores mais escolarizados, em especial para aqueles com ensino superior completo.

No entanto, e novamente, de acordo com Leone e Baltar (2006), para trabalhadores com o mesmo grau de instrução, as mulheres com ensino superior completo tendem a auferir remunerações substancialmente

menores que as dos homens, indicando segmentação e discriminação.

A Tabela 4 apresenta as participações relativas dos trabalhadores de ambos os sexos por nível de escolaridade nos quatro segmentos tecnológicos, tanto para Santa Catarina quanto para a Região Sul, respectivamente.

Constata-se também, na comparação entre gêneros, que a participação relativa de mulheres mais escolarizadas é maior do que a participação relativa dos homens mais escolarizados para todos os segmentos, com exceção para o de média baixa intensidade tecnológica da Região Sul, em que os homens mais escolarizados somam 48,8% do total contra 45,5% das mulheres.

Tabela 4 – Participação relativa dos trabalhadores da indústria de transformação de Santa Catarina e região sul, divididos por segmento de intensidade tecnológica, escolaridade e gênero (em %)

Escolaridade	Alta			Média Alta			Média baixa			Baixa		
	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Santa Catarina												
Analfabeto	1,1	1,1	1,1	2,0	1,4	1,8	2,4	2,4	2,4	3,8	3,3	3,5

5ª Completo Fundamental	8,3	5,1	7,6	11,0	9,2	10,4	14,4	13,8	14,3	18,9	16,8	17,9
Fundamental Completo	26,8	20,3	25,3	27,0	22,6	25,6	28,0	25,7	27,4	33,0	32,9	33,0
Médio Completo	55,7	63,1	57,3	50,7	53,9	51,7	49,3	48,8	49,2	39,5	42,3	40,9
Superior Completo	8,1	10,5	8,6	9,3	12,8	10,4	5,8	9,3	6,7	4,7	4,7	4,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100
Região Sul												
Analfabeto	1,4	1,0	1,3	2,9	2,0	2,7	3,1	2,8	3,0	4,8	3,8	4,4
5ª Completo Fundamental	9,5	5,8	8,7	10,5	8,5	9,9	18,7	22,8	20,0	20,6	18,1	19,5
Fundamental Completo	24,4	18,4	23,1	22,5	21,1	22,1	29,3	29,0	29,2	30,2	29,6	29,9
Médio Completo	54,4	60,3	55,6	54,3	54,6	54,4	44,6	40,1	43,2	40,0	43,3	41,5
Superior Completo	10,4	14,5	11,2	9,7	13,8	10,9	4,2	5,4	4,6	4,4	5,1	4,7
Total	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, dados obtidos da RAIS.

Ao confrontar as médias salariais entre os trabalhadores, separados por sexo, escolaridade e segmento (tabela 5) verifica-se que, em todos os segmentos ocorre um salto salarial para os trabalhadores com ensino superior completo se comparados com os trabalhadores que possuem apenas o ensino médio completo, sendo tal aumento na magnitude de: 178% e 185% para alta tecnologia, 162% e 196% para média alta, 170% e 188% para média baixa e 176% e 176% para baixa tecnologia, em Santa Catarina e na Região Sul respectivamente.

Os segmentos de alta e média alta tecnologia empregam 60% ou mais de trabalhadores mais escolarizados, enquanto que os segmentos de média baixa e baixa intensidade tecnologia tendem a empregar uma parcela maior

de trabalhadores menos escolarizados. Em ambos os níveis geográficos estudados as indústrias de baixa tecnologia empregam uma parcela expressiva de trabalhadores com apenas o ensino fundamental completo. Tal fenômeno pode ser explicado pela teoria da segmentação que afirma que os postos de trabalho determinam e valorizam a mão de obra de acordo com as suas necessidades, indicando que existem características da indústria de baixa intensidade tecnológica que induzem a pouca necessidade de mão de obra qualificada/especializada para a execução da produção.

Existem explicações factíveis para tal desempenho: a primeira delas é a do capital humano que, como explicado anteriormente, leva a incrementos da produtividade do trabalho justificando maior

remuneração. A segunda é a teoria da sinalização, onde o trabalhador ao adquirir diploma sinaliza possuir, ao empregador, características desejadas no mercado de trabalho (disciplina, subordinação, etc.). A terceira vertente é a teoria credencialista, que afirma que o diploma funciona como uma credencial, indicando ao empregador que aquele indivíduo é habilitado a exercer o trabalho ou mesmo que vem de uma condição socioeconômica adequada ao cargo. A quarta explicação possível é a da teoria da segmentação, visto que os postos de trabalho demandam indivíduos mais escolarizados ou não, de acordo com sua intensidade tecnológica e necessidade de

habilidades específicas na execução de tarefas, pagando um prêmio para que exista maior atração de tais trabalhadores.

Quando comparados os gêneros percebe-se que os homens ganham substancialmente mais que as mulheres em todos os níveis de escolaridade corroborando os resultados de Bruschini (2007), Leone e Baltar (2006) e Matos e Machado (2006). Porém, tal diferença se mostra crescente para faixas salariais maiores, ou seja, para segmentos de mais elevada tecnologia e para níveis de escolaridade mais elevados, que dão ênfase para trabalhadores do sexo masculino.

Tabela 5 – Média salarial (1) dos trabalhadores da indústria de transformação de Santa Catarina e região sul, divididos por segmento de intensidade tecnológica, escolaridade e gênero

	Alta			Média Alta			Média baixa			Baixa		
	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total	M	F	Total
Santa Catarina												
Analfabeto	2,4	1,6	2,2	1,9	1,3	1,8	2,0	1,4	1,8	1,8	1,4	1,6
5ª Completo Fundamental	2,6	1,6	2,4	2,2	1,5	2,0	2,2	1,5	2,0	2,0	1,4	1,7
Fundamental Completo	2,6	1,7	2,4	2,3	1,7	2,1	2,3	1,6	2,1	2,1	1,5	1,8
Médio Completo	3,1	2,0	2,8	3,0	2,0	2,7	2,9	1,9	2,7	2,5	1,7	2,1
Superior Completo	8,9	5,0	7,8	8,6	4,7	7,1	8,5	5,0	7,3	7,5	4,1	5,8
Total	3,4	2,3	3,1	3,2	2,2	2,9	2,9	2,0	2,7	2,5	1,7	2,1
Região Sul												
Analfabeto	2,4	1,6	2,3	1,9	1,3	1,8	1,9	1,3	1,7	1,8	1,4	1,6
5ª Completo Fundamental	2,7	1,7	2,5	2,2	1,5	2,1	2,1	1,4	1,8	2,0	1,4	1,7
Fundamental Completo	2,9	1,8	2,7	2,5	1,6	2,3	2,2	1,5	2,0	2,0	1,5	1,8
Médio Completo	3,6	2,3	3,4	3,6	2,2	3,2	2,9	1,9	2,6	2,5	1,7	2,1
Superior Completo	10,7	6,8	9,7	11,4	6,2	9,5	8,9	5,0	7,5	7,4	4,2	5,8
Total	4,1	2,9	3,9	3,9	2,5	3,5	2,7	1,8	2,4	2,4	1,7	2,1

Fonte: Tabela elaborada pelos autores, dados obtidos da RAIS.

(1) Média salarial mensal ao longo do ano de 2012, em salários mínimos de 2012.

É possível que exista viés positivo para o salário do gênero masculino quando comparado com o salário auferido pelo gênero feminino nos segmentos de mais elevada tecnológica devido às características dos postos de trabalho de tais setores, possivelmente postos tipicamente masculinos. Ao relacionar os diferentes segmentos tecnológicos no que tange a remuneração média, é evidente a tendência geral de incremento salarial conforme são observados os segmentos de maior intensidade tecnológica.

4 Considerações Finais

O Estado de Santa Catarina mostrou expressiva participação relativa de trabalhadores inseridos na indústria de baixa tecnologia, e apenas esse segmento tecnológico tem participação masculina e feminina equivalente.

Há ganho salarial na transição do nível de escolaridade médio completo para superior completo, mostrando: (i) que a oferta de mão de obra escolarizada pode elevar a produtividade e reconhece aumentos salariais (capital humano); (ii) que a escolarização possa ser uma sinalização das características positivas do

trabalhador (teoria da sinalização); (iii) que a escolarização aponta credenciais favoráveis ao empregador que remunera melhor sua mão de obra (teoria credencialista); e/ou (iv) que há elevada demanda da indústria de transformação por mão de obra qualificada, em todos os segmentos tecnológicos, e mais intensamente nos segmentos tecnologicamente mais avançados (teoria da segmentação). Esta última deve ser detalhada e mensurada adequadamente para avaliar a sua relevância na explicação do comportamento do mercado de trabalho do estado e da região.

Verificam-se diferenças de ganhos por gênero entre indivíduos com a mesma escolaridade, sendo rendimento maior para os homens cuja diferença cresce percentualmente quando observados estratos mais escolarizados dos trabalhadores.

Percebe-se uma tendência de maior remuneração em indústrias mais avançadas tecnologicamente, com destaque para a baixa diferença percentual nos ganhos dos trabalhadores com curso superior completo entre os segmentos, indicando novamente que

todos os setores tem elevada demanda por mão de obra qualificada.

A participação de trabalhadoras mais escolarizadas é relativamente maior que a participação do gênero masculino, indicando a possibilidade de que mulheres com menor grau de instrução encontrem maiores dificuldades para se inserir no mercado de trabalho da indústria de transformação. Numa análise geral, todos os setores procuram empregar trabalhadores mais qualificados, porém os setores de tecnologia mais baixa tendem a contratar parcelas maiores de trabalhadores pouco escolarizados e do gênero feminino.

O quadro geral indica a possibilidade de segmentação no mercado de trabalho formal estudado, com diferenças salariais entre os diferentes segmentos tecnológicos da indústria de transformação tanto para homens como para mulheres, baixa participação e remuneração relativa da mulher e provável barreira à entrada de indivíduos do gênero feminino, menos escolarizados.

Referências

ARBACHE, J. S.; DE NEGRI, J. A. *Determinantes das Exportações Brasileiras: novas evidências*. 2002. Rio de Janeiro: IPEA – Diretoria de estudos macroeconômicos.

ARBACHE, J. S.; DE NEGRI, J. A. *Diferenciais de salários interindustriais no Brasil: Evidências e implicações*. Texto para discussão nº 918, nov 2002. Brasília: IPEA, 2002.

BALTAR, P. E. A. et al. *Trabalho no governo Lula: Uma reflexão sobre a recente experiência brasileira*. Berlin: Global Labour University Working Papers, Paper nº 9, 2010.

LEONE, E. T.; BALTAR P. Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. *Revista brasileira de Estudos Populacionais*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 355-367, dez 2006.

BARROS, R. P.; CORSEUIL, C. H.; MENDONÇA, R. *Uma análise da estrutura salarial baseada na PPV*. Texto para Discussão n. 689, IPEA, 1999.

BARROS, R. P.; FRANCO, S.; MENDONÇA, R. *Discriminação no mercado de trabalho e desigualdade de renda no Brasil*. Texto para discussão n. 1288, IPEA, 2007.

BATISTA, N. F.; CACCIAMALI, Maria Cristina. Diferencial de salários entre homens e mulheres segundo a condição de migração. *Revista brasileira de estudos populacionais*,

Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 97-115, jan/jun 2009.

BECKER, G. S. *The Economics of Discrimination*. 2nd ed. The University of Chicago Press. Chicago, 1971.

BRUSCHINI, M. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 537-572, dez 2007.

CACCIAMALI, M. C.; FREITAS, P. S. Do capital humano ao salário-eficiência: uma aplicação para analisar os diferenciais de salários em cinco ramos manufatureiros da Grande São Paulo. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 22, n. 2, ago 1992. Rio de Janeiro: IPEA, 1992.

CAMARGO, F. S. *Análise estrutural do emprego formal e informal na economia brasileira*. 2006. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2006.

EHRENBERG, R.; SMITH, R. A *Moderna Economia do trabalho - Teoria e política*. São Paulo: Makron Books, 2000.

GREMAUD, A. P.; SAES, F. A. M; TONETO JUNIOR, R. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Atlas, 1997.

GREMAUD, A. P.; VASCONCELLOS, M. A. S.; TONETO JÚNIOR, R. *Economia brasileira contemporânea*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFMANN, R.; SIMÃO, R. C. S. Determinantes do rendimento das pessoas ocupadas em Minas Gerais em 2000: o limiar no efeito escolaridade e as mesorregiões. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, mai-ago 2005.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. *Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica, 2000*. IBGE, 2003.

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Situação Social nos Estados: Santa Catarina*. Diretoria de Estudos e Políticas Sociais. 2012. LIMA, R. Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, Rio de Janeiro, v. 10, abr. 1980.

MATOS, R. S.; MACHADO, A. F. Diferencial de rendimento por cor e sexo no Brasil. *Econômica*, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 5-27, jun 2006.

MINCER, J. Investment in human capital and personal income distribution. *Journal of Political Economy*, p. 66 - 281, 1958.

MTE - MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. Coordenação Geral de Estatísticas do Trabalho. *Nota técnica MTE 091/2013*. MTE, 10 out. 2013.

MORETTO, A. J.; PRONI, M. W. O desemprego no Brasil: análise da trajetória recente. *Economia e Desenvolvimento*, Recife, v. 10, n. 2, jul/dez. 2011.

MOURA, R. L. Testando as Hipóteses do Modelo de Mincer para o Brasil. *Revista Brasileira de Economia*. v. 62, n. 4, p. 407-449. Rio de Janeiro, out-dez 2008.

POCHMANN, M. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final o século*. São Paulo: Contexto, 1999.

PORCILE, G; ESTEVES, L. A.; SCATOLIN, F. D. *Tecnologia e Desenvolvimento Econômico*. In: PELAEZ, V.; SZMRECSÁNYI, T. (Orgs). *Economia da Inovação Tecnológica*. São Paulo: Hucitec, 2006.

RAMOS, L. A desigualdade de rendimentos do trabalho no período pós-Real: o papel da escolaridade e do

desemprego. *Economia Aplicada*, Ribeirão Preto, v. 11, n. 2, June 2007.

RAIHER, A. Os determinantes da localização industrial por nível tecnológico na Paraná: ênfase no capital humano. *Informe Gepec*, Toledo, v. 15, n. 2, p. 18-35, jul./dez. 2011.

RESENDE, M.; WYLLIE, R. *Retornos para educação no Brasil: evidências empíricas adicionais*. *Economia Aplicada*, São Paulo, v. 10, n. 3, P. 349-365, jul/set 2006.

SOLIMANO, A. Mercado de trabalho: Quatro enfoques em busca de um paradigma. *Pesquisa e planejamento econômico*, Rio de Janeiro, v. 18, dez 1988.